

## **Sexo como Tecnologia de Modulação dos Corpos: movimento “Free the Nipple” e os tensionamentos em rede<sup>1</sup>**

Alessandra Pereira WERLANG<sup>2</sup>

Mario Alberto Pires ARRUDA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### **RESUMO**

Neste artigo, trabalhamos a partir de Preciado (2011 e 2017) com o sexo como tecnologia de regulação dos corpos. O sexo seria equivalente as máquinas ou instrumentos que operam modelizando os corpos, localizando prazeres, atribuindo significados e regulando suas práticas. O sexo seria instrumento modular de normalização, inserido nas sociedades de controle como mais uma das forças que atuam sobre nós. A partir disso, analisamos o movimento “Free the Nipple” dentro da rede social Instagram como tensionador dessas modulações, tanto da rede social como do sexo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociedade de controle; Sexo; Free the Nipple; Redes sociais; Contrassexualidade.

### **1. Introdução**

Deleuze (1992) anuncia a passagem das sociedades disciplinares para as sociedades de controle. Em meio à crise das instituições tradicionais, como a família, a escola e a prisão, outros mecanismos de controle surgem, nem mais e nem menos severos que os anteriores. Enquanto nas sociedades industriais o confinamento se dava por meio de moldes que enquadram os sujeitos, nas sociedades pós-industriais dá-se através de modulação, “como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente” (DELEUZE, 1992, p. 221).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática IJ08 Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo na UFRGS. E-mail: [alessandra.werlang@ufrgs.br](mailto:alessandra.werlang@ufrgs.br).

<sup>3</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Integra o Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC). E-mail: [marioarruds@gmail.com](mailto:marioarruds@gmail.com).

---

Nos parece aqui, mais que uma passagem, uma atualização desses sistemas, que muitas vezes ainda coexistem, porém aplicados em diferentes ordens e espaços. As palavras de ordem estão restauradas em códigos numéricos, nas cifras, nos programas de computadores entre várias outras formas de sistematizar nossas vidas (DELEUZE, 1992). Ao mesmo tempo que individualizam cada cidadão, tornam todos parte de uma massa, peças de uma engrenagem. Deleuze vai afirmar que

as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo. (DELEUZE, 1992, p. 223)

Os algoritmos são grandes agenciadores de subjetividades na internet, determinando que conteúdos que serão disponibilizados ao usuário, a ordem de relevância das informações e seus formatos. O próprio processo é modulador, como no caso das formas limitadas de uso e interação em rede. Quanto mais codificadas e inacessíveis estão essas relações da máquina, menos enxergamos como se dão esses agenciamentos e menos possibilidades temos de tentar fugir do que já está “pré-escrito”.

Ainda assim, é possível evidenciar movimentos que desestabilizam essas estruturas. Vários movimentos estéticos e políticos na internet experimentam esse terreno como potencial para propagar suas ideias. É o caso da mobilização em torno da *hashtag* “Free the Nipple”, que vem questionando a proibição em torno da nudez feminina.

Movimentos como “Free the Nipple” agem sobre duas categorias reguladoras: a internet, como vimos até aqui, e o sexo. O sexo, segundo Preciado (2011), é uma das formas capitalísticas contemporâneas de controle para normalização das identidades. A categoria sexo “não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa” (BUTLER, 2000, p.153). Através do Estado, da ciência, da educação entre outras instituições, o sexo é materializado através da reiteração imposta de normas para então servir como instrumento regulador do

---

corpo, identificando quais corpos têm menor valor e consolidando a supremacia da identidade heterossexual e cisgênera.

Apesar de o sexo ser tomado como natural pelos campos da medicina, biologia e religião, uma análise contrassexual feita por Preciado (2017) definiria a sexualidade enquanto uma tecnologia inscrita sobre os corpos, ocupando o mesmo lugar das máquinas, instrumentos e aparelhos. O movimento contrassexual consistiria em revelar a artificialidade do sexo.

Nesse artigo, buscamos identificar o sexo como um dos elementos de controle das sociedades contemporâneas, inserido em um regime modular de controle. Através das imagens publicadas com a *hashtag* “Free the Nipple”<sup>4</sup> na rede social Instagram, analisamos de que forma as redes se apropriam do sexo como elemento censor das fotos publicadas pelos usuários e de que forma a própria rede social constrói saberes sobre o sexo ao identificá-lo. Além disso, trazemos algumas imagens que tensionam as modulações ao desestabilizar as concepções sobre gênero/sexo.

## 2. Gênero na Sociedade de Controle

Ao traçar uma linha, dos regimes monarcas aos regimes democráticos, podemos distinguir formas de controle diferentes (e muitas vezes coexistentes) sobre as sociedades. Foucault (1987) anuncia a passagem das “sociedades soberanas” às “sociedades disciplinares” através dos novos mecanismos de vigilância das populações. A punição em praça pública é deslocada para o confinamento das prisões. Além disso, outras prisões são formadas: a fábrica, a sala de aula, os hospitais e até mesmo a família. Os mecanismos das “sociedades disciplinares” calculam “tecnicamente a vida, em termos de população, de saúde ou de interesse nacional. Esse é, aliás, o momento preciso em que uma nova clivagem, heterossexual/homossexual, apareceu” (PRECIADO, 2011, p.12). É importante ressaltar que a heterossexualidade tratada aqui não é sinônimo da prática sexual, mas “um regime político que faz parte da

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/explore/tags/freethenipple/?hl=pt-br>

---

administração dos corpos e da gestão calculada da vida no âmbito da biopolítica” (PRECIADO, 2011, p. 12).

Preciado caracteriza o ano de 1950 como um ano de “ruptura no regime disciplinar do sexo” (PRECIADO, 2011, p. 13). A noção de gênero começa a ser utilizada para dar conta das expressões de uma “consciência” que transcende o corpo. Médicos como John Money trabalham para medicalizá-los em torno de uma noção de coerência entre o sexo, o gênero do sujeito e o desejo (BUTLER, 2000). Duas vias se abrem: (a) a da oportunidade de modificação dos corpos em benefício de configurações mais plurais e da quebra de uma conformidade entre sexo e gênero; (b) a partir da possibilidade de intervir no sexo que será possível investir em uma normalização em massa de corpos, de forma a padronizá-los através de adequações em torno de uma ideia fundante de heterossexualidade. Preciado (2011) vai comparar os avanços das técnicas medicinais de Money quanto ao sexo aos avanços que Henry Ford proporcionou ao capital.

O Império dos Normais, desde os anos 1950, depende da produção e da circulação em grande velocidade do fluxo de silicone, fluxo de hormônios, fluxo textual, fluxo das representações, fluxo de técnicas cirúrgicas, definitivamente, fluxo dos gêneros (PRECIADO, 2011, p. 13).

É a tecnologia e seus avanços que vão anunciar a passagem da “sociedade disciplinar” para a “sociedade de controle”. Aqui, como já dito, nos parece mais do que uma passagem, uma atualização desses sistemas que ainda coexistem, porém aplicados em diferentes ordens e espaços. A regulação se atualiza de um enquadramento em moldes a uma modulação flexível, o que dá a ver não uma massa, mas pequenos nichos de interesse bem demarcados. Assim como uma tela maleável, o controle está presente em todos momentos de nossas vidas, não sendo de domínio somente das instituições. Preciado vai caracterizar a sexopolítica como

[...] uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo. Com ela, o sexo (os órgãos chamados ‘sexuais’, as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida. (PRECIADO, 2011, p. 11)

Nesse cálculo do poder entram as somas de um esquema complexo de forças que provêm das relações sociais desiguais, as quais vão ter como produto os corpos. Mas não como um produto final rígido, pois

no interior desses processos e estruturas, há espaço para um conceito de agência humana, concebida como a tentativa (pelo menos parcialmente racional) para construir uma identidade, uma vida, um conjunto de relações, uma sociedade estabelecida dentro de certos limites e dotada de uma linguagem - uma linguagem conceitual que estabeleça fronteiras e contenha, ao mesmo tempo, a possibilidade da negação, da resistência, da reinterpretação e permita o jogo da invenção metafórica e da imaginação. (SCOTT, 1995, p.86)

O sexo, ao ser inserido no discurso, tomado como instrumento de análise e definido através de normas sociais, passa a ser instrumento de normalização dos corpos em todo e qualquer espaço, mesmo na internet. O sujeito, antes mesmo de nascer, já é atravessado pelas lógicas desse sistema que classifica os corpos entre os inteligíveis e os abjetos (BUTLER, 2000). O sexo, como tecnologia de controle dos corpos, age de forma modular através de um fluxo entre gêneros por intermédio das cirurgias, harmonizações, etc. Porém, mantém invisível a primeira mesa cirúrgica pela que o corpo passa, esta que define simbolicamente as fronteiras entre sexos. Uma vez invocado o corpo como sexuado e estabelecidos seus padrões de referência, é a máquina heteronormativa que vai agir na produção dos sujeitos (PRECIADO, 2017).

## **2.1. Sexo como Tecnologia**

Preciado, ao elaborar o Manifesto Contrassexual (2017), vai radicalizar as concepções sobre natureza e artificialidade. Para Preciado (2017), podemos analisar a história da humanidade através de uma história das tecnologias. Se observarmos desde a pré-história até os dias atuais, somos agentes e produtos das relações com as tecnologias, sociedades e outros sistemas, sendo o sexo uma dessas tecnologias. A “natureza” seria condicionada pelas relações humano/animal, corpo/máquina,

---

orgânico/plástico. Seria papel do sistema heterossexual operar uma fragmentação dos corpos e sua diferenciação em prol de uma construção de diferenças sexuais que relacionaram materialidades com as novas simbologias do feminino e masculino (PRECIADO, 2017).

Apesar de o sexo ainda ser materializado como uma verdade dos corpos, ocupando o local de natureza para a biologia e outras instituições, uma análise contrassexual definiria a sexualidade enquanto a uma tecnologia inscrita sobre os corpos. Os elementos compostos dentro do sistema sexo/gênero

[...] denominados ‘homem’, ‘mulher’, ‘homossexual’, ‘heterossexual’, ‘transexual’, bem como suas práticas e identidades sexuais, não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios... (PRECIADO, 2017, p. 22)

O movimento de Preciado seria o inverso de naturalizar tais práticas sexuais ou concepções sobre o gênero. “A contrassexualidade [...] apela a uma queerização urgente da ‘natureza’” (PRECIADO, 2017, p. 40). Ao invés de tornar naturais lógicas que destoam do padrão heterossexual masculino, o processo seria evidenciar que esse padrão também é artificial, produto das tecnologias de sexo/gênero. “O que é preciso fazer é sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, assim como suas instituições” (PRECIADO, 2017, p. 27). Ao tentar ressignificar esses sistemas, é possível desvendar seus agenciamentos e evidenciar suas contradições. Preciado vai assim demonstrar que a própria existência de métodos para reatribuir o sexo comprova a artificialidade e ineficácia do primeiro sistema simbólico de atribuição.

As operações mais conhecidas sob o nome de cirurgia de mudança de sexo e de reatribuição sexual, que são popularmente estigmatizadas como casos limite ou exceções estranhas, não passam de mesas secundárias nas quais se renegocia o trabalho de recorte realizado sobre a primeira mesa de operações abstrata pela qual todos nós passamos. A própria existência das operações de reatribuição ou mudança de sexo, assim como os regimes de regulação legal e médico que estas suscitam, são a prova de que a identidade sexual (‘normal’) é sempre e em todo caso o produto de uma tecnologia biopolítica custosa. (PRECIADO, 2017, p. 128)

Órgãos sexuais, como seios, pênis e vagina, explicitam a simbologia por trás dos recortes produzidos sobre os corpos. Todos os três estão conectados simbolicamente à reprodução como o objetivo da relação sexual. A partir dos anos cinquenta e da ruptura no regime sexual, dois modelos de produção do sexo irão surgir. O primeiro está fundamentado na divisão do trabalho sexual e reprodutivo e corresponde ao modelo capitalista industrial. O segundo modelo corresponde ao capitalismo pós-industrial e “caracteriza-se pela estabilidade do pênis como significante sexual, pela pluralidade das performances de gênero e pela proliferação das identidades sexuais que coexistem com o imperialismo e a globalização do pênis” (PRECIADO, 2017, p. 142-143). Esse modelo é fundamentado principalmente na aparência dos órgãos sexuais e não mais na reprodução como objetivo. Mesmo surgindo em épocas diferentes, ambos padrões ainda se mantêm atualmente em diferentes ordens.

Já os seios femininos nem sempre foram alvo de erotismo. “Em 1350, o seio era um símbolo religioso; por volta de 1750, foi erotizado e medicalizado, de modo que já não seria mais utilizável, nem foi mais utilizado, como um símbolo religioso” (MILES, 2008, p. 9, apud SIBILA, 2014, p. 39). A condição simbólica é mutável conforme o tempo e local inseridos.

Preciado vai afirmar ainda que desejo e prazer também são produtos da tecnologia sexual “que identifica o órgãos reprodutivos como órgãos sexuais, em detrimento de uma sexualização do corpo em sua totalidade” (PRECIADO, 2017, p. 23). Os corpos, fora das categorias de sexo/gênero, devem ser reconhecidos como sujeitos falantes, estando abertos a quaisquer possibilidades significantes. Quaisquer movimentos que desestabilizam e invertam lógicas de regulação do sexo compõem a contrassexualidade, mesmo quando vindos de corpos masculinos em relações heterossexuais. Performar atos que estejam em conformidade com a norma também não é necessariamente um reforço dessa lógica. Assim como o uso do dildo em uma relação lésbica não identifica a falta do falo, mas sim denuncia sua plasticidade. “Se o dildo é disruptivo, não é porque permite à lésbica entrar no paraíso do falo, mas porque mostra

---

que a masculinidade está, tanto quanto a feminilidade, sujeita às tecnologias sociais e políticas de construção e de controle” (PRECIADO, 2017, p.78). Mostrar como as práticas estão sujeitas às tecnologias não pressupõe uma naturalidade fundante que pode ser exposta após revelar os agenciamentos sobre os corpos.

Aparelhos e técnicas que surgem com o intuito de produzir regulações sobre o sexo também podem ser reapropriados de forma a agirem como reveladores da artificialidade do sistema. O dildo (entre outros aparelhos e práticas) não é uma cópia do falo com o objetivo de suprir a necessidade de um em relações sexuais, mas sim é o próprio falo no sentido de demonstrar sua plasticidade (PRECIADO, 2017).

Todas essas técnicas (genitortura, aparelhos de restrição, cinta peniana) foram extraídas de tecnologias específicas do gênero (de produção da feminilidade ou da masculinidade heterossexual) e da espécie (de produção da normalidade humana ou da animalidade doméstica), assim como de suas práticas e discursos médicos, reprodutivos e morais, e foram recontextualizadas no interior de sistemas *queer* de relação corpo-objeto. (PRECIADO, 2017, p. 110)

Da mesma forma, podemos situar o movimento “Free the Nipple”, liberte o mamilo na tradução, como um movimento que se apropria dos mecanismos da internet para revelar seus sistemas e incoerências. Através dessa *hashtag*, mulheres publicam fotos suas sem blusa com a intenção de tensionar as censuras da rede social, como veremos na próxima seção.

### 3. “Free the Nipple”: tensionamentos, modulações e disciplinas na rede

A *hashtag* “Free the Nipple” é fruto de uma campanha pela igualdade de gêneros que surgiu em 2012, durante a produção de um filme de mesmo nome<sup>5</sup>. O movimento começou a tomar proporções globais quando celebridades aderiram à campanha postando fotos suas de *topless* com a *hashtag* “Free the Nipple” em suas redes sociais, sendo a principal plataforma utilizada o Instagram. No Instagram, ao buscar pela *hashtag* “Free the Nipple”, podemos ver que mais de 3 milhões imagens já foram

---

<sup>5</sup> Trailer disponível em: <https://www.imdb.com/videooplayer/vi1031712537>.

---

publicadas vinculadas à *hashtag*, isto somente entre as publicações públicas, ou seja, que estão disponíveis para qualquer usuário ver.

As imagens publicadas na *hashtag* desafiam as Diretrizes da Comunidade do Instagram. Em relação a nudez, a rede adverte:

Sabemos que há momentos em que as pessoas podem desejar publicar imagens de nudez de natureza artística ou criativa, mas por vários motivos, não permitimos nudez no Instagram. Isso inclui fotos, vídeos e alguns conteúdos criados digitalmente que mostram relações sexuais, genitais e close-ups de nádegas totalmente expostas. Isso também inclui algumas fotos de mamilos **femininos**, mas as fotos de cicatrizes causados por mastectomia e mulheres amamentando são permitidas. Nudez em imagens de pinturas e esculturas também é permitida. (INSTAGRAM, 2018, grifo nosso)

Podemos perceber a partir dessas normas que os seios femininos estão condicionados, na maior parte das vezes, a sua função sexual, sendo enquadrados em uma censura à pornografia assim como as genitálias e o ânus. Resguardam-se aqui as imagens que colocam o seio em outras relações (contexto de amamentação e mastectomia).

Parece aqui que a noção sacra da nudez (ao permitir a amamentação ou imagens artísticas) ou talvez uma noção científica, medicalizante ou naturalizante (como também é o caso da amamentação ou da mastectomia) é o principal crivo da censura pelos quais os corpos passam. Porém não é possível conter todos esses sentidos. Cabe aqui retomar as ideias de Preciado (2017), pois o sexo e todos seus sentidos não podem ser aceitos dentro do campo do natural. Da amamentação à zona erógena, os seios são campos de construção cultural e o sexo tecnologia de controle dos corpos (PRECIADO, 2017). Há então, também lógicas disciplinares no Instagram, manifestos nas normas do site.

Além disso, é possível a um usuário do Instagram efetuar uma denúncia de uma foto ou vídeo que ao seu ver tenham em seu conteúdo infrações às normas propostas pelo site. Mesmo que uma imagem ultrapasse a censura normativa do Instagram, ela pode ser excluída devido a uma modulação que parte de um nicho específico, de uma rede de contatos ou mesmo de um usuário. Isso exemplifica o caráter modulatório de

---

controle contemporâneo. A partir disso, se pode perguntar: como podemos entender a modelização corporal contemporânea agenciada pelos sites de redes sociais e suas lógicas intrínsecas? Talvez pensando em uma espécie de modelização que opera como uma amálgama que reúne em uma só máquina a disciplina e o controle, o molde fixo e a moldagem auto-deformante.

Colocado esse maquinismo, pensemos a ação das imagens da *hashtag* “Free the Nipple”. Algumas imagens dentro da *hashtag* chamam atenção por serem tensionadoras dessas normas. Imagens de homens e mulheres transexuais, por exemplo, são reveladoras do caráter performativo do gênero, que é construído de forma reiterada sobre nossos corpos. Além disso, tensionam a censura de forma a afirmar seus corpos e validar suas identidades. A batalha sobre a permanência de suas fotos dentro das regras de censura da rede é uma batalha sobre suas identidades *versus* aparência física dos seus corpos.

Imagem 1: Foto publicada por homem trans pós mastectomia com a *hashtag* “Free the Nipple”.

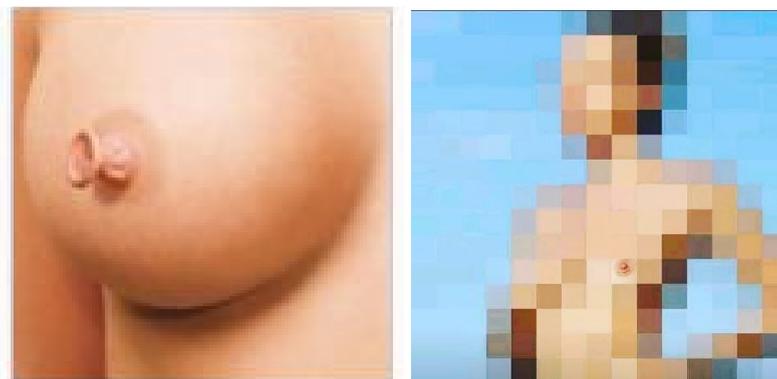


Fonte: *Print Screen* Instagram.

Além disso, outras imagens trabalham com edições, recortes e figuras artísticas de forma a criar corpos transformados aceitos pela censura da rede. Aqui reside a dimensão política da estética. São várias as imagens que cobrem somente a ponta dos mamilos e genitais, permanecendo o corpo quase totalmente exposto. Outras fotos tem um close somente no mamilo, de forma a não conseguirmos identificar se seria pertencente ao

corpo “feminino” ou “masculino”. Além disso, outras fotos trabalham com outros tipos de edição de forma a provocar o mesmo questionamento:

Imagem 2: Fotos de mamilos editados publicadas com a *hashtag* “Free the Nipple”



Fonte: *Print Screen* Instagram

Essas edições brincam com as normas de uso da rede social e remetem a hipocrisia das leis de usuário ao permitirem somente mamilos masculinos postados na rede. Na segunda imagem, por exemplo, não conseguimos generificar o corpo pixelado e, portanto, a imagem não deveria se enquadrar na censura apesar da possibilidade de ser uma mulher nua.

#### 4. Considerações finais

Movimentos como “Free the Nipple” tem importância no constante tensionamento das modulações e disciplinas que agem sobre o corpo. Eles não só se utilizam da plataforma como suporte para um ativismo que tem como temática o gênero, mas também questionam a própria plataforma, nos mostrando que a censura não vem só dos olhares que denunciam as publicações, mas do próprio sistema. E antes do sistema de computadores, ela vem do sistema que agencia todos nossos corpos, da cultura, da ciência assim como das máquinas.

Cabe ressaltar que, além de todos os fatores que sujeitam nossos corpos, a própria censura também produz significados. Seu crivo não age somente identificando,

---

mas ele também resulta em atribuir valores aos corpos. Portanto, ao identificar os seios femininos em uma foto, ela está determinando como eles devem parecer.

O movimento “Free the Nipple”, portanto, pode reivindicar uma liberação do *topless* feminino através da sua expansão de significados, e não em sua limitação como órgão natural aos corpos femininos. Dentro de um movimento contrassexual, cabe aqui identificar o sexo como artificial, como tecnologia de controle e normalização dos corpos. Podemos dizer que esses movimentos têm potência para desconstruir os saberes sobre os corpos, explicitando os mecanismos pelos quais ele é construído.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. Em LOURO, Guacira Lopes (org). **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1987.

INSTAGRAM. **Diretrizes da comunidade**. 2018b. Disponível em: <[https://help.instagram.com/477434105621119/?helpref=hc\\_fnav&bc\[0\]=Ajuda%20do%20Instagram&bc\[1\]=Central%20de%20privacidade%20e%20seguran%C3%A7a/](https://help.instagram.com/477434105621119/?helpref=hc_fnav&bc[0]=Ajuda%20do%20Instagram&bc[1]=Central%20de%20privacidade%20e%20seguran%C3%A7a/)> Acesso em: 13/04/2018

PRECIADO, B. **Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”**. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(1): 312, jan.-abr. 2011

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual** - Práticas Subversivas De Identidade Sexual. São Paulo, n-1 edições, 2017

LAURETIS, Tereza de. **A tecnologia do gênero**. Indiana University Press, 1987. Disponível: <<http://pt.scribd.com/doc/81873993/A-Tecnologia-do-Genero-Teresa-de-Lauretis>> Acesso em: 23/07/2018

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Vol. 20 (2), jul/dez. 1995: 71-100

---

SIBILIA, Paula. **O que é obsceno na nudez? Entre a Virgem medieval e as silhuetas contemporâneas.** FAMECOS, vol. 21, nº 1, pp.24-55, jan.-abr. 2014.